

Educação física escolar: uma proposta a partir da síntese entre duas abordagens

Pedro Rodolfo Jungers Abib*

Resumo

Esse trabalho procura apresentar elementos para a constituição de uma proposta em Educação Física escolar, se baseando na análise e na crítica à duas abordagens existentes nessa área: A Educação Física Crítico-Superadora e a Educação Física Plural. Procura identificar os limites dessas concepções na perspectiva da construção de uma outra proposta, baseada na síntese entre essas vertentes.

Abstract

This work wants to analyze and critique two approaches of the Physical Education which exist today un Brazil. To separate this critique presents elements for a new approach of the Physical Education proposes a synthesis of these two separate approaches.

INTRODUÇÃO

A referência teórica desse trabalho baseia-se em duas concepções pedagógicas ou correntes de pensamento dessa área do conhecimento no Brasil: a *Educação Física Crítico-Superadora*, da qual são representantes Bracht et alii (1992), e a Educação Física Plural, representada por Daolio (1995).

A primeira tem como suporte teórico a Sociologia a partir do enfoque do Materialismo histórico-dialético, e parte da análise sociológica da sociedade para então constituir sua proposta pedagógica. A segunda apoia-se na *Antropologia Social*, e utiliza o pensamento antropológico para estabelecer os pressupostos que a caracterizam.

Em nosso entender, essas duas abordagens, *isoladamente*, não dão conta de interpretar o fenómeno do ser humano em movimento — objeto de estudo da Educação Física — em toda a sua abrangência e complexidade. Por essa razão, a nossa proposta busca uma síntese dessas duas abordagens, por entender que elas são válidas justamente, na medida em que se completam. Tentaremos inicialmente fazer uma rápida análise de cada uma delas, para então delinear alguns princípios que irão caracterizar a proposta que ora defendemos.

A EDUCAÇÃO FÍSICA CRÍTICO-SUPERADORA

Essa concepção foi construída a partir do trabalho desenvolvido pelos professores, Valter Bracht, Lino Castellani Filho, Michele Ortega Escobar, Carmem Lúcia Soares, Celli Taffarel e Elizabeth Varjal, que culminou com a publicação do livro "Metodologia do Ensino da Educação Física" (Cortez, 1992) de autoria coletiva. É uma concepção propositiva, pois estabelece critérios para a sistematização dessa disciplina no âmbito da escola.

Os autores defendem que uma proposta crítica de Educação Física, deve partir antes de tudo, de uma análise das estruturas de poder e dominação constituídas em nossa sociedade. Tomando por base o materialismo histórico-dialético de Marx, preconizam que o professor de Educação Física, antes de mais nada deve ser um educador comprometido com um projeto político pedagógico, que nasce das necessidades de emancipação de uma classe emergente dentro da nossa atual estrutura de divisão de classes, ou seja, a classe trabalhadora. Dizem os autores:

"Todo educador deve ter definido seu projeto político-pedagógico... É preciso que tenha bem claro: qual o projeto de sociedade e de homem que persegue? Quais os interesses de classe que defende? Quais os valores, a ética e a moral que elege para consolidar através de sua prática? Como articula suas aulas com esse projeto maior de homem e de sociedade?" (1992).

Defendem também, os autores, uma concepção de currículo ampliado que deve ordenar a reflexão pedagógica do aluno, de forma a pensar a realidade social desen-

volvendo determinada lógica. Para desenvolvê-la, apropriou-se do conhecimento científico confrontando-o com o saber que o aluno traz de seu cotidiano, tendo como eixo a constatação, interpretação, compreensão e a explicação da realidade social complexa e contraditória.

Essa concepção trabalha com o conceito de cultura corporal, que se opõe portanto ao conceito de aptidão física enquanto objetivo final da disciplina, e propõe o trato com o conhecimento em forma de *ciclos de escolarização*.

Recomendam os autores que a escola, na perspectiva *crítico-superadora*, deve fazer uma seleção dos conteúdos da Educação Física de forma coerente com o objetivo de promover a leitura crítica da realidade. Essa seleção e organização dos conteúdos deve prever tanto uma análise sobre sua origem e o que determinou a necessidade de seu ensino, quanto a realidade material e física da escola.

O tratamento a ser dado a esses conteúdos deve partir de uma metodologia diferenciada e transformadora, capaz de priorizar um sentido/significado que possa:

"... abranger a compreensão das relações de interdependência que jogo, esporte, ginástica e dança (ou outros temas que venham a compor um programa de Educação Física), têm com os grandes problemas sócio-políticos atuais como: ecologia, papéis sexuais, saúde pública, relações sociais de trabalho, preconceitos sociais, raciais, distribuição de renda..." (1992).

Na concepção desses autores, portanto, não se trata somente de aprender o jogo pelo jogo, o esporte pelo esporte, ou a dança pela dança, mas esses conteúdos devem receber um outro tratamento metodológico, afim de que possam ser historicizados criticamente e apreendidos na sua totalidade enquanto conhecimentos construídos culturalmente, e ainda serem instrumentalizados para uma interpretação crítica da realidade que envolve o aluno.

Os autores também especificam os princípios avaliatórios dessa concepção, a partir de um projeto histórico que privilegie a superação das práticas mecânico-burocráticas, a partir de uma reinterpretação e redefinição de valores e normas, de uma síntese qualitativa da nota e de uma avaliação baseada no fazer coletivo.

A EDUCAÇÃO FÍSICA PLURAL

Essa concepção é defendida por Jocimar Daolio, a

partir de suas incursões teóricas no campo da Antropologia Social. Baseado em autores como Mauss (1974), Geertz (1978), Laplantine (1988) entre outros, ele parte da interpretação do movimento humano enquanto manifestação de cultura, de uma cultura própria, definida pela história de corpo e pelas vivências de cada um, para fazer uma crítica à grande maioria de profissionais ligados à Educação Física. Esses profissionais, segundo ele, não têm o costume de observar e valorizar as diferentes formas de expressão de movimentos presentes numa aula, desconsiderando todas as diferenças culturais existentes entre alunos e grupos de alunos.

É preciso destacar no entanto que, segundo o próprio autor dessa abordagem, a Educação Física Plural não tem o caráter propositivo, no sentido de estabelecer critérios para a elaboração de programas escolares.

Encarar o movimento humano enquanto "técnica corporal" (Mauss, 1974) construída culturalmente e definida pelas características de determinado grupo social - ou, em outras palavras, considerar que qualquer gesto é uma técnica corporal porque é uma técnica cultural - permite uma nova abordagem ao objeto de estudo da Educação Física. Permite que as diferenças entre os alunos sejam percebidas, e seus movimentos, fruto de sua história de corpo, sejam valorizados independente do modelo considerado "certo" ou "errado". Isso é válido inclusive, no que diz respeito ao processo ensino-aprendizagem por exemplo, de determinadas modalidades esportivas, pois:

"... se todo movimento é técnico, não podemos falar numa técnica considerada perfeita ou correia, ou melhor, senão num contexto e numa situação devidamente delimitados. E notem que a Educação Física brasileira sempre defendeu o ensino de um técnica *carreta*, elegendo alguns movimentos como melhores, e desconsiderando outras formas de expressão". (Daolio, 1995)

A *eficiência técnica*, segundo o autor, sempre foi uma exigência da Educação Física em relação aos alunos, quer seja ela biomecânica, fisiológica ou em nível de rendimento esportivo. Ao buscar essa eficiência, desconsiderou a eficácia simbólica, ou seja, as maneiras como os alunos lidam, culturalmente, com as formas de ginástica, as lutas, os jogos, as danças, os esportes. Completa o autor dizendo:

"...falar em *eficiência* implica em pensar no fim, no resultado, no produto final. Falar em *eficácia simbólica* — que pode muitas vezes não funcionar em termos biomecânicos ou de rendimento esportivo, mas que é a forma cultural como

os alunos utilizam as técnicas corporais - implica em considerar o processo, o meio..." (Daolio, 1995).

i

Nessa concepção, a Educação Física escolar não deve se colocar como aquela que escolhe qual a técnica que deve ser ensinada, mas deve ter como papel oferecer a base motora necessária a partir da qual o aluno pode praticar (ou não) a técnica eficiente.

Em outros termos, sua função deve ser a de eleger junto com o grupo de alunos, quais são as atividades valorizadas culturalmente naquele grupo, para então proporcionar essa base motora que permita ao aluno, a partir da prática, compreender, usufruir, criticar e transformar os elementos da chamada Cultural Corporal. A escolha vai depender portanto, segundo o autor, do grupo, do bairro, da cidade e da própria comunidade, que elege suas atividades mais significativas. Não cabe ao professor sozinho fazer isso, nem à Educação Física, enquanto área acadêmica.

Na Educação Física tradicional parte-se, conforme Daolio, da consideração que os alunos são todos iguais e procura-se destacar o diferente, o mais hábil entre todos. Na Educação Física Plural parte-se da consideração de que os alunos são diferentes e que a aula, para alcançar todos os alunos, deve levar em conta essas diferenças. A pluralidade de ações implica aceitar que o que torna os alunos "iguais", é justamente sua capacidade de expressarem-se diferentemente.

UMA SÍNTESE DE DUAS CONCEPÇÕES COMO PROPOSTA

Na verdade, essas duas concepções analisadas são desdobramentos de um pensamento da Educação Física brasileira que surge no início da década de 80, em virtude da chamada crise que se instaura nessa área do conhecimento que tem como marco, entre outras publicações, o livro "Educação Física cuida do corpo e...mente" (Medina, 1983), onde o autor procura questionar e fazer uma crítica aos modelos tradicionais existentes. A partir daí muito se tem discutido e produzido, inaugurando uma nova fase para Educação Física no Brasil.

Por essa razão, justamente por partirem ambas do mesmo eixo teórico proveniente dessas discussões, é que essas duas abordagens possuem características semelhantes, baseando-se em princípios norteadores que dão um outro sentido e significado ao papel da Educação Física,

principalmente no âmbito da escola, em oposição aos paradigmas hegemônicos existentes até então.

No entanto, ao estabelecerem seus pressupostos teórico-filosóficos, elas acabam percorrendo caminhos diferentes, pois apesar de buscarem quase que o mesmo objetivo, pois utilizam-se do referencial de duas ciências que possuem epistemologias gestadas conjuntamente no século XIX, e até hoje possuem proximidades e interfaces — a *Sociologia e a Antropologia Social* — fazem uso de metodologias diferenciadas em relação ao objeto de estudo.

Ao basear-se no referencial teórico da Sociologia baseada no materialismo histórico-dialético de Marx, a *Educação Física Crítico-Superadora*, concentra sua análise nas estruturas de dominação e poder presentes na sociedade, para depois estabelecer sua proposta político-pedagógica. Parte portanto, de uma análise macro-estrutural, buscando compreender e interpretar a complexa teia de relações sociais, como elemento chave de sua proposta de intervenção pedagógica. Procura entender primeiro a sociedade, para então construir sua concepção de ser humano e de educação, conforme a classe social pela qual faz a opção, e o projeto de sociedade que vislumbra.

Em nosso entender, essa concepção representa um grande avanço para o pensamento da Educação Física brasileira pois introduz, através da Sociologia de cunho marxista, o pensamento crítico nessa área do conhecimento apontando claramente para um projeto político-pedagógico de transformação social. Porém, por concentrar sua análise numa perspectiva macro-estrutural da sociedade, acaba correndo o risco de não ser capaz de interpretar o ser humano no que lhe é mais específico: sua individualidade e sua subjetividade.

Talvez tenha sido esse o grande erro da maioria dos sistemas de governo considerados "socialistas" nos países onde foram aplicados: não considerar os aspectos ligados à subjetividade dos sujeitos, a partir de uma coletivização exacerbada não só dos meios de produção, mas também das ideias, preferências, sonhos e diferenças étnicas e culturais de toda uma população que não era, e nunca será, homogênea.

Não queremos afirmar aqui, que a Educação Física Crítico-Superadora defenda essa concepção de mundo e de sociedade, nem que essa abordagem ignore o referencial antropológico de interpretação do ser humano pois o pró-

prio conceito de *cultura corporal* parte desse princípio, porém alertamos para o risco de que uma análise macro-estrutural menos atenta, pode impedir uma interpretação mais aprofundada da realidade social, a partir da pluralidade e diversidade que se fazem presente não só em qualquer grupo de alunos, como também nas diversas "tribos" existentes numa sociedade, utilizando o conceito de Maffesolli (1987).

É o risco que se corre quando a análise da estruturas de dominação em nossa sociedade, é feita simplificada, situando o dominante de um lado e o dominado de outro, esquecendo-se que a teia de relações sociais hoje em dia, é muito mais complexa, e que não podemos cometer o erro de cair numa generalização nada eficaz quando utilizamos apenas conceitos como dominado, oprimido ou popular, que podem acabar desconsiderando toda uma diversidade étnica e uma pluralidade cultural presentes nesses grupos.

Essa diversidade étnica e cultural determina uma série de fatores, que em última instância, vão nos remeter a universos simbólicos e sistemas de valores diferenciados, e que têm que ser levados em conta ao tentarmos elaborar uma proposta pedagógica que leve em consideração as características de uma sociedade injusta e autoritária como a nossa, constituída por grupos populares muito distintos entre si.

Vale ressaltar que ao utilizarmos o conceito de "tribos" para exemplificarmos uma visão de organização social característica da sociedade atual — conceito esse construído por Maffesolli, tido como um teórico pós-moderno — não estamos com isso fazendo apologia ao discurso pós-moderno tão em moda ultimamente, pois temos a compreensão de que esse discurso serve muito bem aos interesses dos setores mais estratificados da sociedade, pois permite "abrandar" as relações de dominação e poder, deslocando o eixo da discussão do âmbito geral para o específico. Em nossa opinião esse "desfocamento" da questão, contribui para que o centro da discussão não seja mais as macro-estruturas que em última análise, vão determinar as desigualdades sociais, mas sim as micro-estruturas, as particularidades presentes na diversidade e na pluralidade, explicação portanto, menos abrangente e que não dá conta de uma análise crítica sobre as relações de poder e dominação que permeiam as estruturas sociais, ou seja é um discurso falacioso.

As discussões envolvendo os conceitos de diversi-

dade e pluralidade, muito comuns hoje em dia, são fundamentais, sobretudo em função dos equívocos históricos cometidos por experiências no campo socialista, que nunca deram a devida importância a essa questão. Porém, se nos limitarmos a esse tipo de análise, corremos o risco de não sermos capazes de interpretar a nossa realidade de forma mais abrangente, no que diz respeito as determinantes sócio históricas das condições extremamente injustas que o atual modelo de sociedade nos impõe.

Percebemos certa preocupação por parte da Educação Física Crítico-Superadora em refletir sobre esses aspectos, porém em nossa opinião, os autores pecam em não dar a essa questão, o aprofundamento necessário capaz de permitir ao leitor uma visão mais ampliada sobre os aspectos referentes à pluralidade/ identidade cultural.

Entendemos ser absolutamente necessário identificar junto aos grupos populares, quais são suas representações e como lidam com essa nova realidade que se apresenta nesse universo "globalizado", reconstruindo valores e significados, ao re-interpretar seu mundo segundo esses códigos, numa perspectiva de pluralidade e diversidade cultural. Contudo não podemos em hipótese alguma, como querem os pós-modernistas, abandonar os instrumentos de análise da macro-estrutura e de suas determinantes sócio-político-econômicas, pois somente elas podem explicar as relações de dominação e poder presente em nossa sociedade.

Não se trata de desconsiderar portanto, o conflito de classes, nem o instrumental materialista histórico-dialético, pois somente ele ainda é capaz de permitir uma análise crítica sobre as condições de estruturação da sociedade capitalista escludente, mas é fundamental hoje mais do que nunca, lançar um novo olhar para essa legião de excluídos, a qual devemos dar a devida importância em nosso projeto político-pedagógico. Dar a devida importância, significa considerar toda a diversidade presente nesse universo de excluídos. Portanto esse olhar deve levar em conta essas diferenças, deve ser um olhar mais revelador. *E é justamente aí que o pensamento antropológico traz sua grande contribuição.*

A Educação Física Plural por sua vez, através da abordagem antropológica, parte justamente da preocupação em interpretar o ser humano, a partir da diversidade e da pluralidade presentes na sua história de corpo, sua cultura, enfim, seu mundo.

Essa proposta teórica percorre um caminho diferenciado daquele percorrido pela abordagem sociológica: enfatiza o enfoque sobre o ser humano, sua cultura e suas especificidades, para depois então tentar explicar a sociedade da qual faz parte esse ser humano.

Essa concepção de Educação Física representa também um grande avanço para a área, na medida em que inclui essa importante contribuição da Antropologia — dá-nos a possibilidade de um "novo olhar" para esse ser humano que se movimenta e que, em se movimentando e expressando assim sua diferença em relação ao outro, produz cultura.

Porém, ao analisarmos com maior profundidade a obra de Daolio, percebemos que ela não se propõe a fazer um estudo aprofundado sobre os mecanismos de dominação e alienação presentes em nossa sociedade — talvez por não ser esse o propósito da Antropologia, pois enquanto ciência preocupada com o homem, até analisa esses mecanismos, porém em situações particulares, devidamente contextualizadas.

Entendemos que essa análise mais particularizada é muito importante, principalmente se o objetivo é um enfoque pluricultural dentro de um processo educativo. Porém, os aspectos mais gerais, macro-estruturais e que, por esta razão, determinam as relações de dominação presentes na sociedade, são imprescindíveis para uma análise mais abrangente. Isso se quisermos caracterizar a Educação Física, enquanto disciplina capaz de contribuir para uma maior consciência crítica dos alunos em relação à sua realidade e o seu contexto sócio-político-econômico-cultural.

Não podemos portanto, desconsiderar uma análise baseada em elementos do referencial teórico proveniente do *materialismo histórico-dialético*, ao idealizarmos um proposta político-pedagógica comprometida com a transformação social.

As contradições existentes em nossa sociedade, os mecanismos de dominação, alienação e exploração, têm que ser explicitados em qualquer processo pedagógico que tenha como objetivo a formação de indivíduos mais críticos, autônomos e construtores de seu futuro. A interpretação de sua realidade, é elemento chave nesse processo.

Percebemos então o caminho diferenciado percorrido pelas duas concepções de Educação Física aqui analisadas: uma enfatiza o enfoque da sociedade para então

caracterizar o ser humano, e a outra, parte do enfoque do ser humano para então caracterizar a sociedade da qual ele faz parte.

A nossa proposta se baseia justamente na crítica ao que toma essas duas concepções, em nosso ponto de vista incompletas, ou seja, o risco que ambas correm de não serem capazes, no âmbito de um programa de Educação Física escolar, de interpretar o ser humano em movimento — o nosso objeto de estudo — em toda sua complexidade, e de forma mais abrangente, considerando tanto as *determinantes sociais que sobre ele atuam, como também as suas especificidades e diferenças culturais*.

A título de exemplificação dessa proposta, podemos descrever um processo pedagógico envolvendo o conteúdo futebol, numa aula de Educação Física, onde o professor deverá estar atento no sentido de valorizar, não só as diversas formas de praticar esse futebol sob o ponto de vista da cultura popular (variações de jogos como o "golzinho", o "pontinho" e o "virou" na Bahia, ou a "rebatida" e o "tentear" em São Paulo), como também as implicações político-ideológicas que envolvem esse fenômeno esportivo em nosso país, como a alienação, a espetacularização, e a mercadorização, provenientes da forma como esse esporte é estruturado em nossa sociedade.

Portanto, entendemos que uma proposta de Educação Física escolar, não deva prescindir nem do referencial teórico fornecido pela Sociologia, nem tampouco daquele fornecido pela Antropologia. Ou dito de outra forma: uma abordagem sociológica sobre o ser humano em movimento, não pode ignorar os instrumentos de análise próprios da Antropologia, assim como uma proposta pedagógica com bases antropológicas não pode desconsiderar as contribuições teóricas da Sociologia, sobre as estruturas de poder e dominação presentes em nossa sociedade.

Por essa razão, a proposta pedagógica que ora defendemos, pressupõe a síntese dessas duas concepções analisadas — a Educação Física Crítico Superadora e a Educação Física Plural — como uma nova proposta em busca da superação dessas duas importantes abordagens teóricas da área, pois entendemos que o tempo em que vivemos, exige uma visão mais ampliada de nossa realidade. Uma visão que possa ser abrangente o suficiente para interpretar o fenômeno do ser humano em movimento, tanto sob o ponto de vista de suas particularidades, como também a partir de sua contextualização nessa sociedade em que vivemos.

As transformações pelas quais passa o mundo atual, nos pede respostas rápidas e ao mesmo tempo coerentes com tais mudanças, sem que com isso no entanto, percamos de vista o projeto de homem e de sociedade pelo qual gerações e gerações têm lutado.

Queremos reafirmar nesse trabalho, a grande contribuição que essas duas concepções trouxeram para o processo de transformação pelo qual passa essa disciplina. Porém, isoladas, são concepções limitadas, pois entendemos que uma abordagem prescinde justamente de alguns elementos teóricos considerados fundamentais na outra e vice-versa. Cabe aqui ressaltar que existem outras diferenças importantes entre essas duas abordagens, principalmente no que tange às posturas pedagógicas como por exemplo em relação às finalidades sócio-políticas da educação implícitas ou explícitas em cada uma, e por isso talvez uma síntese nesse campo de análise fosse algo muito mais complexo, porém queremos deixar claro que nossa reflexão sobre uma possível síntese se restringe ao universo das duas ciências - a Sociologia e a Antropologia - que dão suporte à construção dessas duas abordagens.

A reflexão teórica que aqui fazemos ainda carece de uma maior sistematização e aprofundamento (apesar de fazer parte de dissertação de mestrado recentemente defendida), pois os aspectos aqui delineados apontam para a necessidade de um trabalho posterior no sentido de uma melhor estruturação. Porém, acreditamos poder contribuir através dessas reflexões, na perspectiva da construção e reconstrução de um projeto político-pedagógico transformador para a Educação Física Escolar, nesse atual momento histórico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- COLETIVO DE AUTORES. Metodologia do Ensino da Educação Física. São Paulo: Cortez, 1992.
- DAOLIO, Jocimar. Educação Física Escolar: uma abordagem cultural. In: Piccolo, Vilma(org). Educ. Física Escolar: ser...ou não ter? Campinas: Ed. Unicamp, 1993.
- ___ . Da cultura do corpo. Campinas: Papyrus, 1995.
- ___ . Educação a partir do movimento, Campinas: mimeo, 1996.
- MAFFESOLLI, Michel. O tempo das tribos, Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.
- MARX, Karl. Contribuições à crítica da Economia Política. São Paulo: Martins Fontes, 1983.
- MAUSS, Mareei. Sociologia e Antropologia, São Paulo: EPU/EDUSP, 1974.
- MEDINA, João Paulo S. A Educação Física cuida do corpo e...mente, Campinas: Papyrus, 1983.

UNITERMOS

Educação Física Escolar; Cultura Corporal; Diversidade Cultural.

**Pedro Rodolpho Jungers Abib é Mestre em Educação - UFBA (Universidade Federal da Bahia) e professor das disciplinas Educação Física Escolar e Voleibol no Curso de Licenciatura em Educação Física da UFBA.*